

**MEMÓRIA E LUGAR:
PARQUES QUE CONTAM HISTÓRIA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SP**

Ana Maria da Cunha Rosado¹

Prof.^a Dra. Ingrid Hötte Ambrogi²

Resumo: Memórias são, muitas vezes, vinculadas a lugares e muitos desses lugares preservam momentos da história e ajudam a compreender a sociedade onde estão inseridos. O presente trabalho aborda a relação de memória e lugar usando como ponto de estudo o município de São José dos Campos, localizado no interior do Estado de São Paulo, e mais especificamente os parques públicos existentes em seu distrito sede. A hipótese trabalhada é do apagamento histórico por meio de *marketing* urbano, que leva a mudanças territoriais e sociais, incluindo ressignificar locais e suas funções; como objetivos pretende-se apresentar, brevemente, a história de São José dos Campos e a relação dos munícipes com os parques estudados, em um período contido entre a década de 1920 e 2022 resgatando, inclusive, memórias familiares.

Palavras-chave: História. Lugar. Memória. Relações. São José dos Campos.

Abstract: Memories are often connected to places and many of these places preserve moments of history and help to understand the society where they are insert. This paper discusses the relationship between memory and place using as a point of study the city of São José dos Campos, located in the countryside of the state of São Paulo, and more specifically the public parks existing in its district headquarters. The hypothesis is the historical deletion through urban marketing, which leads to territorial and social changes, including re-signifying places and their functions; the objectives are to present, briefly, the history of São José dos Campos and the relationship of the residents with the parks studied, in a period contained between the 1920s and 2022 rescuing, including, family memories.

Keywords: History. Place. Memory. Relations. São José dos Campos.

¹ (Doutoranda na Universidade Presbiteriana Mackenzie) - (anam.rosado@hotmail.com)

² (ingrid.ambrogi@mackenzie.br)

Introdução

Inicialmente precisamos discorrer sobre a relação de memória e lugar, para Maurice Halbwachs (2006) o passado deixa traços em pessoas e lugares, para o autor o espaço se modifica de acordo com a sociedade e vai adquirindo traços e imagens dos grupos que o ocupam; as construções seriam para Halbwachs marcas desses grupos.

Diversas são as definições de lugar, a questão do lugar desponta dos debates sobre o conceito de espaço, que aqui abordaremos do ponto de vista de Cardoso (1998). Para o autor, o lugar define-se como a construção concreta e simbólica do espaço; tal construção permite a formação da identidade, uma relação de história e cultura que forma o grupo que se encontra vivendo no lugar.

A relação entre memória e lugar ocorre na obra do geógrafo Milton Santos (2006), o conceito de rugosidade citado pelo autor define as marcas do passado no espaço presente como sendo os lugares que marcam um determinado período histórico local.

Precisamos também diferenciar a história da memória, Pierre Nora (1993) traça inúmeras diferenças entre uma e outra, como contrapontos de uma única questão, sendo relevante ressaltar que o autor define a memória como vida carregada por grupos em constante evolução uma fenômeno sempre atual enraizada no concreto (espaço, imagem, objeto) e coletiva; enquanto a história é a reconstrução do que não existe mais de forma problemática e incompleta, uma operação intelectual e que pertence a todos e a ninguém simultaneamente ligada às continuidades temporais e relações sociais. Em suma, memória, um absoluto e história, o relativo.

Já conhecendo os principais conceitos a serem abordados neste artigo, podemos apresentar brevemente o trabalho em si. Este artigo tem como objetivo mostrar como diferentes relações ocorrem entre lugar e sociedade e como tais relações marcam a memória social (e também familiar) compondo aspectos do cotidiano social urbano; além de demonstrar como o lugar é fisicamente alterado e sofre uma ressignificação para se moldar às características sociais que o permeiam ao passar dos anos.

Como pano de fundo para as discussões aqui levantadas usaremos os parques localizados na região central de São José dos Campos (SJC), município localizado no interior do estado de São Paulo; a escolha se deve às suas peculiaridades históricas e mudanças sociais, econômicas e políticas que ocorrem de forma acelerada em seu meio e acabam alterando sua função e relação com a sociedade. Levando em consideração o crescimento urbano e mudanças territoriais significativas no município principalmente no

distrito sede de mesmo nome onde as marcas dessas mudanças são evidentes ao analisarmos a história dos principais parques joseenses localizados na região central onde ocorrem maiores mudanças e trocas sociais do cotidiano local.

Ao acessar o *site* da prefeitura joseense encontramos a relação dos parques presentes na cidade, são no total dez parques anunciados para a população em todas as zonas de São José dos Campos; muitos surgiram nos últimos anos e visam principalmente a preservação da área verde e espaços para a prática de esportes. Para este trabalho, contudo, os parques escolhidos visam contar um pouco da história de São José, portanto são parques mais centrais e antigos, presentes em diversos âmbitos sociais da cidade e que demonstram parte da identidade do povo joseense preservando sua memória.

O primeiro parque a ser abordado será o Santos Dumont, antes sanatório, hoje parque em homenagem ao pai da aviação, do sanatório não restou um único tijolo no local. Depois será abordada a história do parque Vicentina Aranha, também antigo sanatório, porém com seus principais prédios preservados e servindo de local para eventos, caminhadas e missas.

Por último o Parque Roberto Burle Marx, conhecido popularmente como Parque da Cidade; o referido local já teve diferentes funções sociais e está inserido na memória de diferentes gerações de joseenses, como fazenda, fábrica, parque e até mesmo escola. Hoje, além de área de lazer e parque, atua como local de preservação ambiental, arquivo para documentos, área de museu e de cursos culturais atendendo a inúmeras funções sociais como pode ser observado na figura 1 onde uma das placas indica as novas funções dos antigos e “preservados” prédios da antiga tecelagem.

Figura 1- Placas no Parque da Cidade



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

A hipótese a ser trabalhada presume que os processos de mudanças na imagem da cidade pelas políticas públicas e o *marketing* urbano, por elas promovido, apagam e ressignificam importantes locais da história joseense; as mudanças visam alterar locais e suas funções para melhor atender às necessidades dos grupos e da imagem planejada para a cidade. Também levantam questionamentos sobre as políticas de preservação patrimonial e como ocorrem em São José dos Campos.

Os objetivos visam apresentar brevemente uma historiografia joseense permeando a relação da sociedade e a função dos parques citados, mostrando os lugares como principais pontos para se compreender a história local. Também se tem por objetivo mostrar como memória e lugar se relacionam por meio da ressignificação dos lugares apresentados e como a população se relaciona com os mesmos em diferentes momentos da história joseense. As memórias sociais e familiares ajudam a manter viva a história local e servem de importante ponto de pesquisa para compreender mudanças e relações entre população, lugar, história e cidade.

Metodologia

Para trabalhar com os conceitos de memória, lugar e a história de São José dos Campos, foram utilizadas revisões bibliográficas de autores que trabalham nessas diferentes vertentes. Alguns dos principais autores que surgem ao longo do desenvolvimento do trabalho são: Halbwachs e Le Goff para estudos de memória e lugar;

as historiadoras Maria Aparecida Papali e Valéria Zanetti que trabalham com a história joseense; o geógrafo Milton Santos que trabalha os conceitos de rugosidade e lugar e Marina Forti para debates sobre o *marketing* urbano e imagem de cidades.

Visitas de campo foram realizadas pela autora para composição do trabalho, com intuito de acrescentar imagens dos referidos locais no momento de escrita deste artigo (figuras retiradas do acervo de pesquisa da autora); as fotos tiradas em visita também servem de parâmetro para compreensão dos debates ilustrando o cotidiano local e mostrando as mudanças que ocorrem com o passar dos anos por meio de comparações com fotos antigas dos locais obtidas em *sites* da prefeitura joseense, *sites* dos próprios parques e da fundação cultural.

Foram visitados os parques Santos Dumont, Vicentina Aranha e Roberto Burle Marx, em dias de semana e finais de semana; também ocorreram visitas a eventos e exposições que ocorriam nesses locais.

Também foram utilizadas como recurso de pesquisa redes sociais de acesso público vinculadas a São José dos Campos; acesso a *blogs* como o Pró Memória e o São José Antigamente (o primeiro acadêmico e o segundo criado por Wagner Ribeiro, morador local) e acesso a reportagens em jornais *online* e documentos disponíveis no *site* da prefeitura para obtenção de dados para composição dos debates aqui presentes.

O recorte temporal aborda o século XX partindo da década de 1920, onde ocorrem as primeiras mudanças no espaço e emerge a chamada “Fase Sanatorial” no município e se estendem até o século XXI com o uso do parque no presente momento no ano de 2022 onde ocorrem as visitas de campo da autora.

Discussão

A introdução já apresentou uma base conceitual a ser aqui trabalhada, mas para que tais conceitos sejam aplicados se fazem inicialmente necessárias uma apresentação da historiografia joseense e uma contextualização sobre os parques já referidos.

O município de São José dos Campos localiza-se na região do Vale do Paraíba e é formado por três distritos (São José dos Campos, Eugênio de Melo e São Francisco Xavier), sendo o distrito sede que dá nome ao município, o foco desta pesquisa, pois, é onde estão localizados os três parques aqui abordados e é cenário das principais mudanças que ocorreram nos anos estudados.

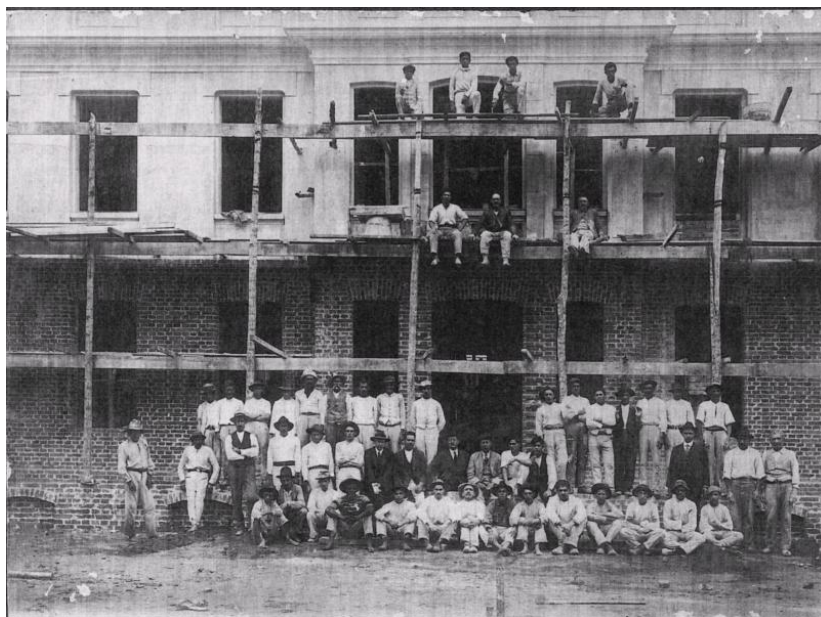
São José dos Campos nasceu de um aldeamento indígena no final do século XVI, a chamada “Aldeia do Rio Comprido”; parte de sua história é confusa e pouco

documentada (até hoje existem incertezas sobre sua fundação e anos iniciais), mas sabe-se que a aldeia avançou para regiões onde hoje se encontra o centro comercial, geográfico e social do distrito sede joseense. Acontecimentos e mudanças expressivas passaram a acontecer no século XX, quando a cidade então rural, agrícola e ponto de passagem para comitivas (que iam do interior para o litoral e vice-versa), passou a ser local de acolhimento para pacientes com tuberculose, segundo pesquisa de Papali e Zanetti (2010).

Na década de 1920 teve início o período que ficaria conhecido posteriormente como “Fase Sanatorial”, no qual São José dos Campos passou a receber pacientes e suas famílias em busca de tratamento contra tuberculose. Segundo Belculfiné (2010), o aumento alarmante da doença no Brasil levou a aplicação de tratamentos já utilizados fora do país; assim chegou ao país o movimento sanatorial, onde o tratamento consistia em isolar por longos períodos os pacientes, com uma dieta específica em local de clima quente, seco e atmosfera pura livre de partículas de poeira.

São José dos Campos possuía todos os atributos necessários, clima, qualidade do ar e boa localização geográfica que levava a construção dos sanatórios, entre eles o Vicentina Aranha maior sanatório do país; na figura 2 uma foto do período de construção do sanatório no ano de 1918.

Figura 2- Início das obras, Vicentina Aranha em 1918



Fonte: Linha do tempo do *site* do Parque Vicentina Aranha, 2022.

São José passou de cidade rural a importante referência no tratamento da Tuberculose; em 1935 o município foi elevado à categoria de “Estância Climática”; dessa forma recebendo maiores investimentos públicos e melhorias em sua infraestrutura, para assim gerir o crescimento urbano (que ocorreu de forma acelerada com a chegada dos tuberculosos, suas famílias e trabalhadores da saúde).

Tais investimentos foram de grande importância para as mudanças que ocorreram no município nas décadas seguintes, devido à localização e boa infraestrutura. São José dos Campos foi local escolhido para abrigar empresas e indústrias; na década de 1950 a chegada do DCTA (Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial), a inauguração da Rodovia Presidente Dutra e a fundação da Embraer na década de 1960 inauguraram uma nova fase, segundo os autores Costa e Mello (2010).

Para atrair mais empresas, a gestão local vê a necessidade de mudar a imagem do município, onde antes o atrativo era a cura para uma doença, agora se faz necessário um atrativo econômico; neste ponto o *marketing* urbano passou a promover cada vez mais a imagem industrial, tecnológica e inovadora.

Segundo Forti, (2020) o *marketing* urbano visava influenciar a opinião pública, os investidores e os turistas, com uma imagem que refletia os interesses dos grupos de domínio locais. Para a autora, São José dos Campos sofreu grande influência dessas estratégias presentes em inúmeros elementos espalhados pela cidade e por sua história, como sua bandeira com uma engrenagem, o hino que faz referência ao crescimento local, as propagandas que contam sempre com a imagem da inovação, da tecnologia e da aeronáutica (principal indústria presente no cenário joseense).

Tal prática levou a um “apagamento” da história local, visto que diversos prédios foram demolidos e pouco se falava ou citava sobre o passado joseense pré industrialização. A cidade que sempre olhava para frente em busca de mudanças, inovações e crescimento recebeu no ano de 2022 o certificado de “Cidade Inteligente”, tornando-se a primeira no Brasil a conseguir tal feito, como demonstrado em reportagem de março no *site* da Prefeitura de São José dos Campos.

O constante reforço da imagem presente deixou poucos rastros do passado na paisagem joseense, com o modelo de globalização perversa descrita por Milton Santos (2008), as cidades buscam sempre mudar para se adequar às necessidades do meio, em especial de produção e reprodução do espaço. Com isso restam poucos locais de resistência de memória, em São José dos Campos; os parques compõem alguns desses poucos locais onde a história da cidade e a memória social resistem.

Os parques surgem como as “rugosidades”, os traços moldados no passado que continuam se impondo no presente. As rugosidades demonstram também a relação do homem com o espaço; para Santos (2002), o espaço surge como objeto social e testemunha dos momentos de produção por meio da memória presente nesse espaço construído e sobreposto ao longo dos anos.

Ainda dentro do conceito de Santos (2002) na paisagem urbana as rugosidades remontam à história das cidades e tem influência no modo de produção econômica e social mesmo com as constantes mudanças dos espaços com o passar do tempo; em São José dos Campos é visível a presença das rugosidades e como remontam a sua história e modos de produção vigente no passado e no presente (das fases agrícola, sanatorial, industrial e tecnológica).

Abreu (1996) discorre sobre a postura do Brasil frente a valorização do passado, colocando como algo atual para o país; o autor ainda reforça a memória como principal fator para manter viva a história e sua valorização no meio urbano em um país que o autor define como “de cidades novas”, não sendo comum encontrar esses traços do passado no meio urbano. A memória coletiva teria forte apelo no meio urbano devido às relações estabelecidas por um grupo de pessoas com os lugares, uma memória grupal de relações sociais no meio que levam ao vínculo entre memória e lugar; sendo assim fator de preservação de tradições e relações entre o local e o social e importante ferramenta de estudos, principalmente em um país (e em um município) onde a história vai lentamente sumindo do cenário urbano.

Agora que já contamos um pouco sobre a história joseense e apresentamos a questão do lugar e do *marketing* urbano, vamos aos parques. São José dos Campos possui inúmeros parques em seu território, alguns localizados em área rural, outros em área urbana. Três desses parques possuem grande relevância para os debates aqui levantados, pois estavam “presentes” em diferentes momentos da história local e marcam a memória social de variadas formas de acordo com o período discutido. São eles os parques: Santos Dumont, Vicentina Aranha e Roberto Burle Marx. Este último também chamado, popularmente, Parque da Cidade.

Iniciando pelo que detém o título de mais antigo parque local segundo o *site* da prefeitura de São José dos Campos; o Santos Dumont reflete bem as mudanças no meio urbano. Seu terreno foi, a princípio, destinado ao Sanatório Ezra, que encerrou suas atividades em 1966 e teve o terreno desapropriado pela prefeitura em 1969 dando lugar a avenidas, ruas, prédios comerciais. Parte de seu terreno tornou-se parque, inaugurado em

1971, sendo o mais antigo da cidade como área de lazer para toda a família e homenageando a indústria em alta no cenário joseense, seu espaço também abriga escolas municipais.

Seu nome foi uma homenagem ao patrono da aviação, o brasileiro Alberto Santos Dumont; além disso o parque conta com réplicas do 14 bis, da casa de Dumont, de foguetes e do avião Bandeirante (primeiro construído em solo joseense), como pode ser observado na figura 3.

Figura 3- Réplicas do parque Santos Dumont



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

Ainda no Parque Santos Dumont podemos encontrar placas que remetem à preservação patrimonial, referente à preservação das réplicas existentes no local. Curiosamente tais placas não são encontradas em outros pontos históricos ou monumentos joseenses e muitas casas antigas do centro urbano joseense foram demolidas dando lugar a estacionamentos ou avenidas. A placa da figura 4 conta com o patrocínio da Embraer e da prefeitura e fica localizada abaixo do protótipo do Bandeirante em exposição no parque e é um exemplo das muitas espalhadas pelo parque.

Figura 4- Placa no Santos Dumont



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

O parque é um nítido caso de apagamento do passado e de reforço do *marketing* urbano vigente em São José dos Campos (mesmo com suas placas de aviso sobre preservação patrimonial), visto que sua criação remete ao período senatorial, mas acaba perdendo sua identidade original (e nada se fala sobre seu passado no espaço físico do parque), transformado em parque em data próxima à inauguração da Embraer e a chegada do DCTA na cidade, bem como das criações da bandeira e do hino que reforçam a identidade industrial. A indústria aeroespacial passa a marcar o cotidiano e a imagem local junto ao discurso da inovação e do progresso. Outro elemento que marca a composição física do parque é o jardim japonês que existe em sua área interna, uma homenagem à contribuição de famílias japonesas ao crescimento e desenvolvimento local.

Já o parque Vicentina Aranha tem uma história que também reflete as mudanças que ocorrem na cidade, principalmente em vista aos meios de produção. Este parque permanece por maior tempo na função senatorial, pois somente na década de 1980 o último paciente deixou o local que passou a operar como hospital geral e em 1993 como Hospital Geriátrico, segundo o histórico presente no *site* do próprio parque.

O local foi tombado no ano de 2001, deixou de ser hospital em 2004 e como patrimônio municipal abriu ao público em 2007 como parque, recebendo, desde então, inúmeros eventos culturais passando por um processo de restauração; contudo somente nos últimos anos passou a contar com identificações de seu passado como hospital e visitas guiadas por locais antes fechados ao público do antigo sanatório (muitos moradores não sabiam que o complexo havia abrigado um hospital). As figuras 5 e 6

mostram o local como sanatório e parque nos anos de 1924 e 2022, usando como foco o pavilhão central que até hoje resiste.

Figura 5- Inauguração Vicentina Aranha em 1924



Fonte: Linha do tempo do *site* do Parque Vicentina Aranha, 2022.

Figura 6- Parque Vicentina Aranha 2022



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

Atualmente o parque Vicentina Aranha conserva sua história por meio de placas espalhadas pelo local, que explicam a função original de cada prédio ainda de pé. Algumas das construções passam por processos de restauro, já estando alguns concluídos e servindo a novas funções como biblioteca, espaço para exposições variadas (temporárias e fixas), salas para palestras e rodas de conversa, feiras de artesanato, livros e produtos orgânicos; além do espaço externo disponível para atividades ao ar livre como

Yoga, xadrez nas tardes de sábado, caminhadas, *shows* e cinema ao ar livre. Uma dessas exposições retrata seu passado enquanto sanatório, recriando no espaço o quarto de um de seus internos mais famosos na cidade, o Padre Rodolfo Komorek (conhecido por sua fé frente à doença e imagem santificada para população); demonstrando como na figura 7, como eram as acomodações para internos de melhores posses econômicas e preservando histórias.

Figura 7- Exposição que recria o quarto do Padre Rodolfo Komorek



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

O espaço ressignificado, diferente do Santos Dumont, mantém ainda sua herança senatorial no espaço físico (por meio dos prédios) e da memória, contudo assim como seu vizinho serve à comunidade de uma forma diferente de seu projeto inicial. O único prédio que ainda mantém funções originais é a igreja localizada no parque, que servia ao antigo sanatório católico e ainda tem missas e celebrações realizadas em seu interior (aberta ao público após restauro).

Muitos prédios ainda aguardam o restauro (como o pavilhão central e o necrotério) e ainda não se sabe se irão atender novas funções ou servir como memorial (dentro do parque existem espaços que preservam a memória senatorial com pequenas exposições). A figura 8 exemplifica as placas explicativas e o estado dos prédios que aguardam restauro, com registros feitos pela autora em visita ao parque no ano de 2022.

Figura 8- O necrotério aguarda restauro



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

O local tem área verde preservada, placas que identificam as diferentes espécies da flora local e conta com a presença de Galinhas d' Angola (animais que viraram símbolo do parque). O espaço também é utilizado em diversos eventos culturais, como a FLIM (Festa Literomusical de São José dos Campos), que reúne artistas locais e nacionais, venda de livros, palestras, feira de artesanatos, espaços de venda de livros e de leitura, espaços para crianças com jogos e brincadeiras e *shows* musicais variados e que visa promover um espaço democrático e heterogêneo de cultura.

Mas mesmo o Parque Vicentina Aranha não escapa da imagem aeroespacial e tecnológica, o parque já abrigou a exposição que comemorava os setenta anos da chegada do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) em São José dos Campos (figura 9), onde curiosamente citam (em material divulgado no *facebook* do parque e distribuído em mídias digitais) a falta de raízes e identidade afetiva entre a o município e a população elevando a aeronáutica como motivo de orgulho e identificação dos munícipes (ignorando a história e o passado joseenses mesmo realizando a exposição em um principal centro de tratamento nacional contra a tuberculose e que foi motivo de orgulho a sua época). O Vicentina Aranha ainda possui, na área destinada à academia ao ar livre, uma placa com foto do Museu Aeroespacial joseense reforçando a imagem do avião e do aeroespacial para o município.

Figura 9- Divulgação da exposição



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

Para finalizar vamos abordar a história do maior e hoje principal parque joseense, lugar que também passa por mudanças que acompanham a história joseense. O parque Roberto Burle Marx tem entre todos, a história mais antiga, acompanhando todas as mudanças locais e permeando a memória dos munícipes de diversas gerações por variados motivos.

Primeiramente uma fazenda, com criação de gado e plantações; o espaço passou então a ser dividido com a fábrica de tecelagem, ficando famosa em todo o país com os “Cobertores Parahyba” e até mesmo um grupo escolar vinculado à fábrica foi formado. No espaço construído das aqui chamadas rugosidades, pouco restou da fazenda, exceto algumas ruínas dos espaços destinados ao cuidado com o gado e parte do muro não demolido indicando o local da então “Fazenda Santana do Rio Abaixo” (figura 10).

Figura 10 - Muro da Fazenda Santana do Rio Abaixo



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

Se o muro da fazenda resiste de um lado, o muro do grupo escolar (figura 11) resiste do outro, ladeando a entrada para um dos estacionamentos, do hoje, parque e marcando no espaço sua presença como monumento à memória das diferentes funções do local. Tais muros já representam diferentes fases do lugar, de um lado o rural agrícola, de outro a escola criada já em período industrial (na década de 1930) e que visava a instrução dos filhos dos operários e funcionava nas instalações da fábrica local, segundo texto do *blog* São José Antigamente.

Figura 11- Muro do Grupo Escolar Tecelagem Parahyba



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022

Além de fazenda o lugar passou a acumular a função industrial, ainda na década de 1920; no início do crescimento urbano e senatorial, foi inaugurada a Tecelagem

Parahyba S/A que produzia Brim. Nas décadas seguintes a fábrica entrou no ramo da produção de cobertores, ganhando destaque nacional e exportando produtos em grande quantidade durante a Segunda Guerra Mundial na década de 1940.

A fábrica cresceu e por muito tempo coexistiu com o espaço de fazenda administrada pela Família Gomes (responsável pela tecelagem). Nos terrenos da fazenda foi construída uma mansão que recebeu importantes festas e eventos (o projeto ganhou destaque, pois a parte arquitetônica ficou sob responsabilidade de Rino Levi e o paisagismo foi elaborado por Roberto Burle Marx); mesmo em meio à crescente exportação têxtil e agrícola na década de 1980 a empresa passou a ter problemas econômicos que se agravaram na década de 90 obrigando os proprietários a entregarem parte dos maquinários, complexo e área residencial ao BNDES e à Prefeitura de São José dos Campos, segundo *blog* São José Antigamente.

As figuras 12 e 13 ilustram parte do complexo de fábricas, a primeira sem data definida e retirada de um *blog* chamado “São José dos Campos antigamente”; a única informação sobre a mesma é que data do início das atividades como indústria têxtil local (a primeira de São José dos Campos). Já a figura 13 é uma foto de visita de campo realizada em 2022 demonstrando o complexo atualmente na parte acessível ao público (uma parte do complexo ainda opera como fábrica e não possui acesso livre aos visitantes).

Figura 12- Tecelagem enquanto ainda tecelagem



Fonte: *Blog* São José Antigamente, 2022.

Figura 13- Tecelagem nos presentes dias



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

Como já citado, o projeto paisagista dos jardins da residência de Olivio Gomes (membro da família Gomes responsável pela direção da fábrica) foi desenvolvido por Roberto Burle Marx; desta forma o parque é batizado em homenagem ao renomado paisagista (mas é popularmente chamado Parque da Cidade); tanto a mansão quanto os jardins permanecem preservados e o público tem acesso aos mesmos (no caso da mansão somente à área externa, uma vez que a mesma está fechada há anos). Tais espaços são importantes para a arquitetura moderna e todo complexo foi aberto ao público como parque no ano de 1996, segundo dados da prefeitura joseense.

Ao caminhar pelo parque diversas ruínas podem ser encontradas, mas também prédios preservados que ganharam ao longo dos anos novas funções. Alguns dos prédios seguem vazios, em uma área isolada fechada ao acesso público, mas a maioria serve hoje a outras funções, principalmente da Fundação Cultural Cassiano Ricardo com museus, cursos, exposições e arquivos públicos. O processo para tombamento como patrimônio histórico iniciou-se em 2020 e foi concluído em 2021, com o complexo de prédios tombados pelo IPHAN, segundo reportagem do jornal *online* G1 Vale do Paraíba.

Com tantas funções sociais acumuladas ao longo dos anos os parques despertam diferentes memórias nos munícipes. Alguns ainda se lembram do Vicentina Aranha enquanto hospital, chegaram a ter familiares que ali receberam tratamento; outros se lembram do período em que o espaço esteve fechado ao público e vedado com tapumes (lembro até hoje o relato de uma professora de que, ao chegar em São José, teria ficado intrigada com aquele local isolado por tapumes no centro da cidade); os moradores se

relacionaram mais com o Parque da Cidade, por ter trabalhado ou conhecido alguém que ali trabalhou, por visitar, estudar na escola da Tecelagem Parahyba ou por ter feito algum curso da fundação nos espaços hoje destinados a atividades culturais.

Fato é que o espaço destinado ao parque desperta diferentes memórias nos cidadãos, cito aqui como exemplo minha família, onde em conversas informais posso destacar diferentes memórias sobre um mesmo local, meu avô materno (José Pinto da Cunha) lembra de levar junto a seu pai lenha para o antigo sanatório Vicentina Aranha, minha mãe (Fabiana da Cunha) lembra de ter recebido tratamento hospitalar no então Hospital Vicentina Aranha, já eu me lembro de visitar o parque e realizar trabalhos de escola ali e até mesmo uma visita guiada para uma aula de biologia ao ar livre (uma vez que cursei o ensino médio em uma escola próxima) e de comparecer a eventos culturais promovidos nos últimos anos.

No Santos Dumont tenho relatos de meus pais que ali brincaram na infância, e tenho minhas lembranças de criança em brinquedos que ainda hoje existem no local. Já o Parque da Cidade marcou ainda mais minha família, meu avô materno lembra da fazenda e do gado, meu avô paterno (José Rosado) foi funcionário na administração da tecelagem (assim como seu pai, meu bisavô), meu pai (Marcio Rosado) aluno do grupo escolar e eu nasci e cresci visitando e conhecendo o espaço como parque (cheguei a fazer aulas de dança na base da Fundação Cultural Cassiano Ricardo ali situada). Tenho essas memórias de família e registros que vinculam diferentes memórias ao espaço e criam diferentes identificações com o lugar, a figura 14 representa a presença do parque no meu cotidiano: em visita ao local acompanhada de familiares no ano de 1998 e posteriormente em 2022, em ambas as fotos acompanhada de meu avô Sr. Rosado.

Figura 14- Visitas ao parque e memórias de família



Fonte: acervo de família da autora, 2022.

Meu avô, Sr. Rosado, em recente visita ao parque, demonstrou emoção ao entrar nos antigos prédios e descreveu como eram em sua época de serviço na administração da fábrica; relatou que começou a trabalhar lá no setor administrativo da fazenda e posteriormente mudou para a área têxtil; demonstrou ficar admirado com tantas mudanças relembando como era o local na época em que trabalhava ali apontando coisas que foram inseridas e o que teria sido preservado da época em que trabalhou ali.

Destacou em suas lembranças que foi ali que conheceu e começou a namorar minha, já falecida, avó (Anna Francisca) também funcionária da fábrica e contando antigas histórias que ali viveu. O que para ele foi local de trabalho, para mim anos depois foi sala de aula para o curso de ballet. Tal conversa entre gerações ressalta como cada indivíduo tem um vínculo e constrói memórias com um lugar (memórias que resistem ao tempo, uma vez que meu avô não dispõe de registros fotográficos que remontem ao período em que trabalhou ali).

Na figura 15, Sr. Rosado aponta um espaço onde os funcionários esquentavam café na área administrativa de um setor, onde antes existia uma pia, hoje é local interditado para reformas devido a problemas de estrutura detectados pela Defesa Civil. O antigo prédio de estoque é hoje área da Fundação Cultural Cassiano Ricardo (Centro Cultural Clemente Gomes) com exposições culturais e cursos.

Figura 15- Apresentando seu passado



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

Outro ponto desta visita que gostaria de destacar foi a passagem por uma árvore marco do lugar; a figura 16 mostra meu avô em frente à Árvore da Chuva, considerada a

maior do país (espécie *Samanea sama*), com 40 m de diâmetro da copa e 14 m de altura que é desde 2012 patrimônio ambiental (Decreto 14.878/12).

Figura 16- Sr. Rosado e a Árvore da Chuva



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

A referida árvore que permeia o cotidiano joseense e encanta por seu tamanho, permanece na memória do Sr. Rosado ainda pequena (visto que ele ainda se lembra da época em que ela foi plantada); a mesma ficava na área de grama que servia de pasto para o gado da antiga fazenda, do local onde trabalhava ele conseguia ver o pasto e a árvore; durante a visita chegou a citar até as medidas tomadas para evitar que o gado da então fazenda destruísse o pequeno pé, com a montagem de uma cerca que rodeava a árvore.

Tanto a árvore quanto o antigo prédio da administração onde ele trabalhou ainda existem, o prédio hoje atende a outra função abrigando o CEFE (Centro de Formação do Educador) da Prefeitura de São José dos Campos; assim pode-se perceber como a passagem do tempo e as mudanças tanto naturais (crescimento da árvore) quanto sociais (nova função do prédio) marcam as histórias individuais tanto quanto a história da cidade.

O parque ainda atende a outras formas de preservação da memória coletiva e da tradição: em seu espaço está localizado o Museu do Folclore de São José dos Campos, no museu existem exposições permanentes e temporárias que remetem ao folclore e aos elementos culturais que marcam a identidade do Vale do Paraíba; anualmente o museu escolhe uma família para montar o presépio do local e ao encerramento do ciclo natalino promove o encontro de Folias de Reis (apresentações grupais que representam a passagem bíblica que destaca a viagem dos três reis magos até o encontro com o Menino Jesus).

A figura 17 ilustra a missa ao ar livre (na parte externa do museu) realizada no encontro da chegada das bandeiras de folias de 2023, onde treze folias de diferentes cidades do Vale compareceram (segundo dados divulgados no *Facebook* do Museu do Folclore) na qual o padre destacou em suas falas e importância de tal evento para manter viva a memória e a tradição não só para a fé, mas dentro das relações familiares (muitas folias têm envolvimento de famílias inteiras e seus conhecimentos são passados de pai para filho).

Figura 17- visitantes do parque e integrantes das folias acompanham a missa



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2023.

A discussão se encerra tendo por base a história do município contada por meio de seus principais parques e as relações de memória e lugar (com ênfase as memórias individuais e familiares); ficando aqui evidente a importância dos elementos materiais para composição da memória, em especial a memória presente no meio urbano em constante mudança e desenvolvimento com olhar para o futuro. O autor Jacques Le Goff (2013) define os documentos e os monumentos como a forma científica da memória coletiva; sobre os monumentos o autor refere-se como uma herança, um sinal, do passado.

Os debates sobre a materialização da memória, passando pelas rugosidades, documentos e monumentos relacionados à cidade de São José dos Campos conversam diretamente com os espaços citados dos parques, cada qual representando um trecho da história joseense e remontando de forma material ao espaço vivido e cotidiano do passado, evocando a memória e a identidade de uma sociedade; considerando-se também a forte influência dos poderes existentes no meio, Le Goff (2013) alerta para a memória como uma “arma” para o poder, o acesso a materialidade como a chave para a

compreensão e de tal forma as estratégias de *marketing* urbano surgem para “apagar” da materialidade urbana tudo aquilo que não favorece os grupos dominantes.

Considerações finais

Bosi (1994) ressalta que as memórias coletivas se desenvolvem na convivência familiar, escolar e profissional; mantendo elementos que se unificam, diferenciam e acrescentam de acordo com as lembranças que cada indivíduo guarda de uma mesma situação, tradição ou lugar; a autora ainda debate sobre a importância dos idosos para a memória e para a construção cultural, dando destaque ao papel das lembranças dos velhos no âmbito social e familiar.

Assim quando escutei as histórias de família sobre os parques, em especial ao Parque Roberto Burle Marx como destacado, busquei pesquisar e entender como eles compõem e contam a história joesense e até a minha história familiar. Como considerações percebe-se que as mudanças que ocorrem em São José dos Campos refletem em seu espaço, contudo, alguns traços de seu passado que resistem às mudanças e ao apagamento de um passado em detrimento do presente e do futuro.

Vinyes (2009) diz que as estruturas físicas das cidades são uma forma de reproduzir e manter o passado ao longo dos anos, destacando que alguns espaços podem conter significados além de suas funções. Os parques joesenses contam a história por meio de seu espaço construído, cada qual representando uma fase histórica: o preservado Vicentina Aranha, mesmo parque conta com um processo de recuperação de sua história e permite que a sociedade conheça uma “fatia” da Fase Sanatorial que dá impulso ao crescimento da cidade. Já o Santos Dumont é o reflexo do apagamento do passado visando a inovação e exalta a Fase Industrial, a chegada da indústria aeroespacial e o marco da identidade e memória local e do orgulho nacional na figura do brasileiro “Pai da Aviação”. Por fim, o popularmente chamado Parque da Cidade reflete diferentes fases da história, possuindo até hoje traços da fazenda, da fábrica e do hoje parque e área de lazer, cultura, desenvolvimento e resistência da memória e tradição (por meio do museu e das atividades e eventos promovidos no amplo espaço).

A memória material mantém viva a história; nos centros urbanos essas, talvez sejam, uma das ferramentas para que o passado não seja esquecido e apagado, privando a sociedade de conhecer os traços que foram base para o presente local. Além disso, os espaços construídos marcam a memória e constituem importantes elementos para a formação das identidades sociais, segundo Le Goff (2013), às memórias coletivas são

ponto inicial para as identidades sociais e o vínculo com o espaço tem grande influência nesse processo.

Por fim procuro destacar como as memórias de família enriquecem a pesquisa (figura 18) e acredito, que assim como eu, muitos joseenses têm seus vínculos com os parques marcados não só por suas lembranças, mas por memórias que atravessam seus núcleos familiares; Halbwachs (2006) destaca que as memórias de família mantêm a união e a cultura e destaca como diferentes fatores a envolvem sendo eles: espaço, tempo, memória individual e história; o autor nos diz que a memória coletiva (e se encaixam aqui as familiares) podem ajudar a fortalecer nossa própria memória e dar um senso de pertencimento e identidade social. Portanto, para além das pesquisas as memórias de família se fazem presentes em nosso cotidiano e no cotidiano das cidades, que se veem marcadas pelas histórias e memórias através dos lugares e das tradições culturais existentes.

Figura 18- Em família escutando histórias nas ruas de SJC



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

Referências

ABREU, Mauricio de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Trabalho realizado com o apoio do CNPq e da Finep, e apresentado no Colóquio “O discurso geográfico na aurora do século XXI”. Florianópolis- SC, 28-29 de novembro de 1996.

BELCULFINÉ, Dougla Carlyle. **São José dos Campos na fase sanatorial: humanidade e determinação**. In: Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença/ Coordenação Geral da Coleção: Maria Aparecida Papali e Valéria Zanetti; Organizadora do volume: Valéria Zanetti. São Paulo: Intergraf, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3.ed. – São Paulo- SP, Companhia das letras, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Repensando a Construção do Espaço. **Revista de História Regional** 3(1):7-23, Verão 1998.

FORTI, M. C.; & Silva, F. F. do A. (2020). **O marketing urbano e a inserção da cidade no fluxo econômico global: reflexões a partir do caso de São José dos Campos**. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, 8(63).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et alii.]. - 7ª ed. Revista- Campinas- SP: Editora da Unicamp, 2013.

NORA, Pierre. **Entre memória e história a problemática dos lugares**. Proj. História, São Paulo – SP (10). dez. 1993.

PAPALI, Maria Aparecida; ZANETTI, Valéria. **São José dos Campos: de Aldeia à Cidade**. Organizado por Maria Aparecida Papali; Coordenação da Série Maria Aparecida Papali e Valeria Zanetti. São Paulo- SP: Intergraf, 2010

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS. Milton, **Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal)**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VINYES, Ricard. **El Estado y la memoria**. RBA Libros, S.A. Perez Galdós. Barcelona, 2009.

Links acessados em pesquisa:

<<https://www.sjc.sp.gov.br/servicos/inovacao-e-desenvolvimento-economico/turismo/parques-municipais/>> acesso em 21/04/2022 as 10:43

<<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2021/11/10/predios-da-tecelagem-parahyba-em-sao-jose-sao-tombados-como-patrimonio-historico-pelo-iphan.ghtml> > acesso em 21/04/2022 as 10:50

<<https://www.sjcantigamente.com.br/historia-da-tecelagem-parahyba/> > acesso em 23/02/2022 as 00:26

<<https://web.facebook.com/parquevicentina>> acesso em 24/05/2022 as 20:24

<<https://www.pqvicentinaaranha.org.br/timeline> > acesso em 08/06/2022 as 15:45

<<https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2022/marco/16/sao-jose-e-certificada-a-primeira-cidade-inteligente-do-brasil/> > acesso em 09/06/2022 as 02:25

<<https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2019/dezembro/26/patrimonio-santos-dumont-e-parque-de-geracoes-de-familias/> > acesso em 09/06/2022 as 02:30

<<https://www.sjc.sp.gov.br/servicos/?pesquisa=parques>> acesso em 04/10/2022 as 14:20

<https://servicos2.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia_id=27741 > acesso em 05/10/2022 as 14:30

<<https://www.sjcantigamente.com.br/grupo-escolar-tecelagem-parahyba/> > acesso em 07/02/2023 as 17:50

<<https://web.facebook.com/museudofolcloresjc> > acesso em 07/02/2023 as 21:15